

CONTOS DE ÁGUAS CLARAS E MILAGRES NO CERRADO BAIANO: MODERNIZAÇÃO E DISCURSO DE PROGRESSO NOS JORNAIS DE BARREIRAS-BA (1980-1989)

Yury Barbosa Barros¹

Resumo

Diante do constante discurso de modernização e progresso atribuído ao contexto econômico do município de Barreiras, região oeste da Bahia, encontram-se também os discursos definidos pelos jornais locais do município, no período de recriação de uma nova fronteira agrícola que se instalava na região. O desenvolvimento agroindustrial resultou em grande impacto na transformação de relações sociais, políticas e econômicas, e a partir disso, os jornais munidos de narrativas diversas, especialmente dos contornos de supostos protagonistas, representava essas transformações através do discurso de progresso e modernização. Esse processo se torna importante para compreender como trajetórias históricas podem inventar narrativas que sejam adequadas à sua realidade, desde a romantização de uma terra predisposta ao progresso ao milagre da criação de uma metrópole da soja em terras supostamente desvalorizadas.

Palavras-chave: Progresso. Modernização. Barreiras. História. Memória.

Introdução

Você que vem de longe, de outras terras,/ outros climas, de um Brasil tão diferente.../ Você com sua pele clara, /com seus olhos claros, seu cabelo claro. /Olhai! /Aqui é o verdadeiro Reino das Águas Claras! /Elas nascem bem longe, lá nas serras azuis, nas fronteiras de Goiás./ Como um suspiro de terra, afloram, sussurrando baixinho e juntam-se às outras,/ às filhas lá dos pés de buritis...²

Segundo a literatura de Monteiro Lobato, “Reino das Águas Claras” é um reino fictício que faz parte das obras do *Sítio do Pica-pau Amarelo* (1920), publicadas entre 1920 e

¹ Bacharel em História pela UFOB. Licenciando em História pela UFOB. Estudante especial do Mestrado em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela UNIVASF. E-mail: yuri.barros@ufob.edu.br.

² DE ALMEIDA, Ignez Pitta. Irmão Chegante. *O Barreirense*, Barreiras, Maio de 1986, Ano I, Nº 05, p. 12. Disponível em centrodememoria.ufob.edu.br. Acessos em 22 e 29 jan. 2019.

1947, que relaciona diretamente folclore e representações literárias brasileiras dentro de um conjunto ambiental típico dos interiores. Nesse trecho, as comparações ao “verdadeiro” Reino das Águas Claras também possuem apelo regional ao relacionar as características hidrográficas da região Oeste da Bahia à origem de seus principais rios (Rio Grande, Rio Corrente, Rio Preto e demais afluentes), entretanto, o intuito dessas águas, nesse momento, tornou-se outro além de elemento natural, mas como principais condutores de novos sujeitos históricos: os “irmãos chegantes”.

Nesse sentido, tomamos o exemplo do poema *Irmão chegante*, que, no aniversário do município de Barreiras, anuncia a chegada de novos migrantes para a região, na edição de Maio de 1986 do jornal *O Barreirense*: “que vem de longe, de outras terras, / outros climas, de um Brasil tão diferente.../”, que simbolicamente passam a ser empossados como também “donos destes rios”, numa “terra adolescente”. Tal relação pode ser compreendida como a interpretação das figuras de pioneirismo “que chegou de longe em procura de terra pra lavoura /” com tecnologia avançada, tratores, crenças e também defeitos. Esses chegantes podem ser vistos “como consagração da modernização para o bem coletivo, resultado da marcha inexorável do progresso” (OLIVEIRA, 2016, p. 30). Para além das características figurativas, o trecho do poema pode ser visto como a expressão de uma realidade histórica daquele momento.

Na mesma edição de *O Barreirense*, em que o poema *Irmão Chegante* se encontra publicado, é destacado o aniversário de emancipação política do município de Barreiras. A manchete intitulada “Barreiras através da história” anuncia uma série de lembranças acerca do “glorioso passado” do “município que mais cresce e arrecada”³ no período e como vem ocorrendo o trabalho destes que “São bem-vindos”. A expressividade do poema outorga à figura do irmão uma espécie de título de posse ao dizer que:

Você agora também é dono destes Rios! / Cuide deles com carinho. / Deixe seus tratores bem longe das nascentes.../ Pois estes rios de águas cristalinas desde a primeira visita se apaixonaram por você.⁴

³ Taxa anual de Crescimento de ICM em Barreiras, no ano de 1985, foi de 18,27%, maior até mesmo que a do estado, que havia ficado em torno de 8,92% para o mesmo período. III Festa da Soja: Comemorando os milagres da produção. **O Barreirense**, Barreiras, Abril de 1986, Ano I, N. 04, p. 16. Disponível em centrodememoria.ufob.edu.br. Acessos em 22 e 29 jan. 2019.

⁴ DE ALMEIDA, Ignez Pitta. Irmão Chegante. **O Barreirense**, Barreiras, Maio de 1986, Ano I, Nº 05, p. 12. Disponível em centrodememoria.ufob.edu.br. Acessos em 22 e 29 jan. 2019.

O recurso literário aqui também expressa a importância atribuída ao período, cujos movimentos migratórios são simbolicamente interpretados pela autora conforme o ideal de desenvolvimento que se desejou narrar, bem como a influência que o jornal exerce “em seu contexto, seus interesses e a atuação junto ao seu público leitor” (LAPUENTE, 2015). A própria figura do jornal atuou enquanto espaço de representação e de tipificação de pioneiros, inclusive racial, uma vez que a figura do irmão chegante distingue os sujeitos do processo da ocupação agrícola “com sua pele clara, seus olhos claros e cabelo claro”.

Para além dessa narrativa, nos jornais da década de 1980, como *O Barreirense* e também o *Folha de Barreiras*, é possível perceber a produção e legitimação de um discurso sobre a cidade de Barreiras, no qual novas formas de relações econômicas, que articulam tempo e lugar para inaugurar um novo tempo (*Neue Zeit*) (KOSELLECK, 2006), se confrontam no mesmo espaço onde se expõem épocas diferentes. A ideia de atribuir “pioneirismo”, principalmente, aos migrantes procura suplantar memórias como elemento transitório entre um “velho” e “novo tempo”. Estampar os “rostos” desses personagens é um importante recurso literário e histórico.

Assim, as matérias jornalísticas contribuem para expandir uma perspectiva historiográfica pouco explorada nas pesquisas sobre a região Oeste da Bahia, no que concerne à disputa agrária como disputa de poder (INOCÊNCIO, 2010), que se expressa nas escritas sobre a ocupação e modificação dos espaços habitados da cidade de Barreiras, tornando-a não mais uma, seja a de um passado ou a de um futuro, onde nem sempre essas escritas se silenciaram diante das contradições de um progresso também “chegante”.

Ainda que referenciem um mesmo espaço, os jornais *O Barreirense*, *Barreiras em foco* e *Folha de Barreiras*, como produções jornalísticas, podem ressignificar e compartilhar diferenças em um tempo histórico, bem como reproduzir determinado contexto político e social que refletem muito as formas de relação entre “redatores, editores e repórteres, a hierarquização de poder por editoriais, a questão da manipulação das reportagens, a relação entre o repórter e suas fontes, assim como as divergências presentes em uma sala de redação” (DARTON, 1995). Compreender essas relações é compreender “os mecanismos da fabricação de notícias como forma de testemunho histórico” (LAPUENTE, 2015).

Sendo necessário ao pesquisador “ter ciência de que um periódico, independentemente de seu perfil, está envolvido em um jogo de interesses, ora convergentes, ora conflitantes (LAPUENTE, 2015). Tal desafio pode ser encontrado também na coluna do editor-chefe do

Jornal *Folha de Barreiras*, quando este refletia sobre um “ideal de ser jornalista” no seu momento de novas perspectivas políticas:

[...] o jornalista não aceitou o comodismo, o jogo de interesses e as falsas aparências tornando vivo o seu pensamento com sua opinião assinada, como forma de expressão de sua verdade. Idealista, resistiu às tentações do modernismo ideológico, quando as facções políticas-partidárias se rotularam de classes e castas, num malabarismo de conveniências absurdas, enquanto as camadas mais sofridas ainda agonizavam suas últimas esperanças numa Constituição feita de sonhos e desilusões.⁵

No mesmo texto, o editor finaliza ressaltando que esse jornalismo “se constitui numa trincheira de resistência do intelectual, do trabalhador, e do homem que produz a riqueza nacional”. Nesse sentido, na composição do jornalismo local, era necessário ser alternativo às diferentes visões dos leitores do jornal e aos diferentes aspectos de uma sociedade retratada em manchetes, entretanto, sendo também necessário que diferentes interesses pudessem coexistir em suas páginas, havendo espaço tanto para a propaganda do novo tempo instaurado pelo “milagre da soja”, quanto para as contradições ligadas à má redistribuição de renda, demanda por serviços públicos que chegassem a toda população etc.

A relação entre jornais e seus noticiários, que acompanham os desdobramentos do progresso diante da criação de um novo tempo, no município de Barreiras, também pode ser compreendida como veículos de “construções simbólicas” (THOMPSON, 2011), que se expressam por meio de narrativas diversas. O uso dos jornais pode ser visto enquanto espaço de representação do que essas narrativas, que se originam nas construções simbólicas, podem oferecer como representação de determinado tempo histórico.

Nesse sentido, os jornais desempenham papel de formulação de formas simbólicas através de suas manchetes, editoriais, imagens, reportagens, até dos espaços de opinião dos leitores que apreendem essas formas. O jornal produz expressões linguísticas, que representam gestos, da economia, da sociedade, da arte e da cultura, características onipresentes da vida social e imaginária, em especial, nos contos de progresso e modernização tecidos no Oeste daquele período.

Torna-se necessário, contudo, compreender a relação que se estabeleceu em Barreiras, a partir do ponto de vista do Oeste da Bahia, face à expansão e abertura de suas fronteiras,

⁵ VIEIRA, Antônio. O Ideal de ser jornalista. **Folha de Barreiras**, Barreiras, 14 de outubro de 1987, p. 08. Disponível em centrodememoria.ufob.edu.br. Acessos em 22 e 29 jan. 2019.

para além de uma romantização, tal qual aparece no poema *Irmão chegante*. Milton Santos Filho (1985), coordenando um dos primeiros estudos críticos sobre essa expansão, analisa, do ponto de vista econômico, a identificação do conceito de “região” que se delineava ainda alguns anos antes, nos meados da década de 1970. Ele compreende que sua estruturação parte da própria “invenção” de uma região em seu uso pelo Estado. Para o autor:

[...] região não é somente uma paisagem física. A região é uma combinação de formas de relações sociais sobre um meio físico particular. Essas relações sociais aparecem cristalizadas nas necessidades da economia brasileira, enquanto totalidade, se coisificam na combinação de fatores particulares que caracterizam o *modus operandi* da produção na região (SANTOS FILHO, 1989, p. 33).

O conceito de região, apresentado pelo autor, é voltado, sobretudo, para as questões subordinadas às novas relações econômicas e sociais que se desenvolvem em um contexto regional. Essas ações não dependeram de uma única combinação de fatores, mas se serviram de determinadas estruturas que viabilizaram lógicas de valorização da região por meio de sua dominação, no âmbito da economia nacional e internacional.

Também seguindo as considerações de Santos Filho, os processos de ocupação da região, em qualquer caso, aparecerão sempre combinados com formas mais ou menos atrasadas de mercado, mas que são hegemônicas e por isso “determinam os ritmos do movimento da história e do espaço regional” (SANTOS FILHO, 1989, p. 89). Tal ocupação pode ser pensada nas representações sobre os espaços urbanos de Barreiras pelos jornais, do ponto de vista do capital *versus* o tradicional, cidade *versus* o campo, centro histórico *versus* centro moderno, como formas de contar e (re) pensar uma história, sobretudo naquilo que fica para trás. Desse modo, os jornais seriam, então, os principais veículos de anúncio entre um antes e um depois.

É possível identificar como a apropriação do valor, do capital e do trabalho proporcionou, através do discurso constante em periódicos locais, como *O Barreirense*, a construção de “um novo período” que se expressa “na mudança das formas de apropriação da região” (FILHO, 1989, p. 34). Esse “novo período” é modelado e remodelado a partir de uma nova hegemonia que age na urbanização da cidade de Barreiras.

Os jornais de Barreiras narram o período de 1980 como o “Milagre da Soja” para o município. O termo “milagre”, nesse sentido, faz referência direta ao divino em questão, onde:

[...] desde os remotos tempos da Velha História, os homens já possuíam o costume de agradecer a Deus pelos progressos alcançados com colheitas e rebanhos, oferecendo parte do lucro em rituais, os mais diversos. Pode-se assim comparar a Festa da Soja, acontecida pela 3 vez no município de Barreiras, apenas adaptada aos costumes da nossa região e época que vivemos⁶.

A festa acontecia pela terceira vez consecutiva, tendo em 1980, pela primeira vez a participação da Prefeitura Municipal de Barreiras como colaboradora. O objetivo da festa era claro: agregar aos montantes da produção a propaganda necessária para que se viabilizassem as mudanças que o setor agrícola ainda necessitava, como a implementação da rede de abastecimento de energia elétrica, ainda em implementação pela Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA), o abastecimento de águas para fazendas, que levavam os produtores a “realizarem viagens por cerca de 50 km atrás de água”, enquanto padeciam do ataque de lagartas nas plantações. Havia também a necessidade de estradas, plano rodoviário para os cerrados e principalmente a regulamentação de áreas de fronteiras da produção de soja para maior tranquilidade e comodidade dos produtores. Essas questões não condiziam com as potencialidades do progresso que no momento buscava-se também colher.

Essas reivindicações eram legítimas segundo a coluna, uma vez que:

O milagre da produção na área do cerrado, que vem acontecendo desde a chegada dos sulistas ao oeste baiano, transformando a terra condenada ao desperdício, numa das grandes promessas nacionais, é sem dúvida motivo de júbilo aos pioneiros, que deixaram sua terra natal, aventurando-se com sucessos comprovado, tendo para essa safra cerca de 110 mil hectares de área cultivada donde espera-se uma produtividade de 23 sacas ou 1.400 kg por hectare, números crescentes e consagrados a cada ano, com a já tradicional Festa da Soja⁷.

Sob o olhar de “festejo” se “tradicionalizava” uma prática recente para o município, que servia de material para a produção de reportagens do jornal, nas quais se reconhecia a importância simbólica que teria toda essa produtividade, principalmente pela exibição de maquinários que ostentavam e apontavam o alto uso de mecanização agrícola e a intensificação do uso do solo por meio de culturas consorciadas.

⁶ III Festa da Soja, O milagre da produção no cerrado baiano. **O Barreirense**, Barreiras, Abril de 1986, p. 16. Disponível em centrodememoria.ufob.edu.br. Acessos em 22 e 29 jan. 2019.

⁷ III Festa da Soja, O milagre da produção no cerrado baiano. **O Barreirense**, Barreiras, Abril de 1986, p. 16. Disponível em centrodememoria.ufob.edu.br. Acessos em 22 e 29 jan. 2019.

Essas festividades transformavam as culturas sazonais em “monumentos” que simbolizavam a propalada perenidade do progresso alcançado com os dividendos decorrentes da arrecadação da produção agrícola. Em outras palavras, a quantidade de máquinas em processo de colheita da safra passa a atribuir um simbolismo de progresso, “a terra condenada ao desperdício” que se converte “numa das grandes promessas nacionais”.

Esses cerrados de “fé” entre a parceria pública e privada nas pequenas esferas do município de Barreiras atraem diversos olhares, cujas expectativas e realidades se aproximavam, principalmente, nos pontos em que se distanciavam. A presença de importantes figuras políticas como testemunhas do “milagre” e suas previsões e anseios para uma atenção especial, tanto dos campos de produção agrícola, quanto da parte urbana, podem ser pensados como divergências provenientes do modo pelo qual a má distribuição de renda dependia das novas relações estabelecidas com o capital agrícola.

Baltazarino Araújo Andrade, prefeito de Barreiras cobrou as melhorias das estradas vicinais, a produção de energia, a construção de armazéns e outros benefícios [...], falou sobre a deficiência do Hospital Regional Eurico Dutra e pediu a construção de um conjunto habitacional, abordando o problema de aluguel. Para surpresa de muitos presentes, deu a informação de que a taxa anual de crescimento de ICM na Bahia em 85 foi de 8,92% e emocionado disse que o índice de crescimento de ICM em 85 para Barreiras foi de 18,27%, alegando que foi devido ao cultivo da soja⁸.

Ainda era necessário materializar as melhorias nos serviços, que distanciavam os “pioneiros” de uma população local em que, aparentemente, o desenvolvimento ainda não realizava os ditos milagres. Essa questão, aliada às promessas, também foram discutidas como desejo de efetivação das esperadas mudanças na Constituinte, cujo documento deveria respaldar o novo crescimento econômico baiano, pois “quem afirma que a Bahia está estagnada, é porque está longe da Bahia. Nosso estado representa 50% de arrecadação de ICM da região nordeste. Não somos a terra do já houve, somos a terra do porvir”⁹.

Nessa perspectiva, o *já houve* e o *porvir* são considerados enquanto categorias de uma leitura do tempo histórico de sujeitos esperançosos, cujas consciências não desconsideravam as transformações ocorridas na cidade pelo crescimento das safras, mas que esperavam pela promessa de investimentos mediante um lugar que, nesse momento, poderia reivindicar sua benção diante de tanto “milagre”. A questão de territorializar o desenvolvimento econômico no

⁸ III Festa da Soja, O milagre da produção no cerrado baiano. **O Barreirense**, Barreiras, Abril de 1986, p. 16. Disponível em centrodememoria.ufob.edu.br. Acessos em 22 e 29 jan. 2019.

⁹ *Ibidem*.

bojo estadual, inclusive, diverge de momentos em que se reivindica autonomia para região, no sentido de independência econômica¹⁰.

A “festa” também serve como espaço de produção de memória diante da necessidade de remarcar uma relação de diferentes tempos (o *já houve* e o *porvir*), o respaldo do discurso que permite a experiência no presente de perspectivas de futuro (KOSELLECK, 2006). Esse discurso afastaria as mazelas que insistem em conviver no mesmo espaço que se desenha tão próspero e, principalmente, rico.

Nesse contexto, a interpretação do “Milagre da Soja” (1980-1989) enquanto marco simbólico e monumental seria para esses sujeitos a comprovação de um “novo tempo” (*Neue Zeit*). Entretanto, é possível identificar reivindicações, associadas à modernização agrícola, que não são feitas com o intuito de solucionar a precarização e a desqualificação da qualidade de vida para as comunidades, que, por ora, não tinham as suas reivindicações atendidas, apesar da festa representar um ritual de agradecimento pelo “novo tempo” que se instaurava.

Essa realidade se materializava pelos discursos dos jornais que a escreviam e contextualizam diante dos “nativos”, que desperdiçaram o potencial de suas terras, pois “Esta região, do oeste baiano, é um canto do Nordeste, talvez único, que tem bom solo, muita água, bons índices de chuvas e está atraindo capitais e mão de obra gerencial, centro sulistas”¹¹.

Nesse sentido, também se (re)criava o novo Oeste da Bahia, entre contos e milagres, a perspectiva dos espaços destinados e construídos para o “gaúcho” e para os “baianos” (HAESBAERT, 1998). A convivência dos diferentes sujeitos e o discurso diverso dos jornais em produzir sentimento de agradecimento pelos desbravadores, mediante um progresso inerente aos mesmos, negligencia que as narrativas concedem ao migrante privilegiado um lugar de merecimento, criando sobre sua imagem uma tradição de pioneirismo, de hegemonia dos discursos, que constantemente os jornais vêm associar ao conceito de moderno. Para Koselleck (2006), o uso do conceito “moderno” articula determinado contexto sobre o qual também pode atuar, tornando-o compreensível. Esse mesmo conceito acaba sobreposto em diversas páginas, editoriais, manchetes, imagens, reportagens cujas perguntas e respostas, textos e contextos atuam para reforçar e legitimar essas narrativas.

¹⁰ Exploração do “Cerrado” na região do Além São Francisco. **Jornal do Oeste Baiano**, Barreiras, Março de 1982, Ano 1, Nº1, p. 5. ROCHA, Marlan. “Manifesto pela criação do Estado do São Francisco”, Barreiras, 20 de abril de 1987. Disponíveis em centrodememoria.ufob.edu.br. Acessos em 22 e 29 jan. 2019.

¹¹ **Jornal A Semana**, Barreiras, 30/04 a 08/05/1988, Ano I, Nº I. Disponível em centrodememoria.ufob.edu.br. Acessos em 22 e 29 jan. 2019.

Mais do que uma predisposição da “superioridade socioeconômica” de “gaúchos/sulistas”, segundo Clóvis Caribé (2015), “é essa falsa superioridade que vem originando uma diáspora e um desencaixe das relações vitais e tradicionais que ocorriam historicamente nesses espaços” (SANTOS, 2015, p. 32), cuja transformação é vinculada às memórias sobre manifestações, expressões, modos do comércio (PAMPLONA, 2002), enquanto discurso de atraso, que passam a ser atribuídos ao ontem. Ainda que seja “falsa”, os agentes históricos, por meio disso, aproveitavam-se do alardeamento maciço de uma origem natural de civilidade e progresso que tanto se esperava para o município para alcançar e definir todas as lonjuras do que se cria no amanhã de uma região.

Nomear e atribuir pioneirismo e desbravamento a sujeitos nos jornais seria identificá-los na produção de um novo tempo através de seus acontecimentos. Segundo Côrrea (2018, p. 7), esses discursos “expressam garantir a manutenção de uma razão subalterna e um processo civilizatório e de progresso, sob a tutela e protagonismos de sujeitos específicos”, que reinventam uma região sob a face de personagens que “atrapalham”, como políticos fracos locais¹², cuja ação política é feita de um material imprestável, nocivo ao progresso.

Especificar o discurso de pioneiros, utilizando-se das matérias sobre o desenvolvimento pela iniciativa privada¹³, também serviria para legitimar discursos, ou como sugere Feitosa (2013), uma ocupação de vazios para exploradores dos sertões como projeto de colonização privada, que determina os espaços, as histórias, memórias, personagens, e nesse caso, inventam uma região camuflada pela definição de relações de poder.

A variedade de vidas, histórias, hábitos e costumes também são conjuntos de uma história da cidade e seria legítimo reivindicar o não espaço de ocultação/ negligenciamento diante das novas espacialidades inauguradas pelos discursos identitários do progresso. Barreiras, enquanto proveniente de uma “xerox de metrópole”¹⁴, assistia a “cenas inéditas no seu cotidiano urbano”.

O crescimento e desenvolvimento urbano, entretanto, vinha agravando sua situação de “xerox de metrópole”, uma vez que a originalidade de algo ordenado a livraria de “uma forte característica de mal administrada metrópole:

¹² Jornal **Barreiras em Foco**, Barreiras, Março de 1969, Ano I, Nº 3. Pág. 2-3. Disponível em centrodememoria.ufob.edu.br. Acessos em 22 e 29 jan. 2019.

¹³ Propaganda do Posto Mimoso, **O Barreirense**, Barreiras, Dezembro de 1982, p. 22. Disponível em centrodememoria.ufob.edu.br. Acessos em 22 e 29 jan. 2019.

¹⁴ Editorial Pensando Bem... **O Barreirense**, Barreiras, Abril de 1986, Ano I, Nº 4, p. 2. Disponível em centrodememoria.ufob.edu.br. Acessos em 22 e 29 jan. 2019.

O progresso que chega a passos largos, espantando por vezes os antigos moradores, que criticam com exceções, os chegantes, acusando-os de culpados pela desordem reinante, esquecendo completamente que o país e o mundo não param, não podendo portanto parar Barreiras, e que se a cidade cresce, a administração municipal e estadual tem o dever de aparelha-la de acordo às necessidades que surgem.¹⁵

O comportamento de indivíduos revela a contradição do tratamento que a cidade teria com os demais sujeitos exógenos a um contexto hegemônico necessário para que Barreiras de fato pudesse assumir seu posto natural de “metrópole”. Esta ação se relaciona com a instituição de um discurso identitário predominante (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011), que não compreende a diversidade de necessidades de sujeitos nativos da cidade ou também “chegantes” numa cidade de imensas promessas.

No que se desejava erguer para Barreiras, através do que se publicava nos jornais, era a imagem de cidade que incorporava no seu título de “Metrópole da Soja” os comportamentos que condizem com tal alcunha, nesse sentido, o suburbano, os demais migrantes e sujeitos rurais e de passagem representavam uma ameaça maior que a incorporação das praças e da ocupação das margens dos rios pela especulação imobiliária. Assim, de fato quem crescia em Barreiras, na perspectiva de uma metrópole, eram os problemas, essa mesma que possuía “um montante arrecadado de ICM, somente em 85, maior que o do estado inteiro”, cujo maior silenciamento se deu pelo não desaparecimentos das maiores carências.

Assim, de uma “Metrópole da Soja” à sua “Xerox”, numa Barreiras que é diversa entre o “ontem” e o “hoje”, os jornais buscaram instituir discursos que (re)criassem um protagonismo de um lugar predisposto ao progresso dentro de uma leitura do tempo histórico, de forma quase literária. Os sentidos atribuídos pelos jornais ao período, ainda que divergentes, contraditórios, resignificavam o urbano na cidade e o rural nos campos e os projetavam em ideais para um futuro próximo, mediante as imagens e poéticas de esquecimentos, de comportamentos, paisagens e sujeitos que desapareciam (ou reexistiam) nas práticas de produção do “Novo Tempo” (KOSELLECK, 2006). Narrativas não alheias aos embates entre superior e inferiorizado, o novo e o velho, na perspectiva do moderno que se representava pelas aspirações de uma “metrópole” que se ergue e se remodela discursivamente sobre um tempo clandestino.

¹⁵ Editorial Pensando Bem... **O Barreirense**, Barreiras, Abril de 1986, Ano I, Nº 4, p. 2. Disponível em centrodememoria.ufob.edu.br. Acessos em 22 e 29 jan. 2019.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2011. p. 9-341.
- CARIBÉ, Clóvis. Modernização da Agricultura e Ocupação dos Cerrados no Oeste Baiano. In: CARIBÉ, Clóvis; VALE, Raquel. In: **Oeste da Bahia: trilhando velhos e novos caminhos do além São Francisco**. Feira de Santana: UEFS Editora. 2012. p. 7-434.
- CÔRREA, Diego Carvalho. Uma Civilização em desenvolvimento e os Desbravadores de uma região: Emergência e Reminiscências de narrativas históricas colonialistas e os rastros da reinvenção do Oeste da Bahia, em Barreiras, na segunda metade do século XX. In: **Revista do Coletivo Seconba**, v. 2, n. 1, p. 03-16, nov. 2018.
- DARNTON, Robert. **O beijo lamourette: Mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- FEITOSA, Beatriz dos Santos de Oliveira. **Tempo Histórico e Ocupação Territorial Recente: Reflexões sobre a ocupação de Mato Grosso do Sul**. In: Revista Labirinto – Ano XIII, nº 18 – Junho de 2013, p. 18-36.
- HAESBAERT, Rogério. A noção de rede regional reflexões a partir da migração “gaúcha” no Brasil. In: Revista **TERRITÓRIO**, ano 111, nº 4, jan./jun. 1998. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/04_5_haesbaert.pdf. Acesso em: 25 jan. 2019.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuições à semântica dos tempos históricos**. Tradução: Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio. 2006, p. 9-326.
- LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. In: **Revista Alcar**, 10º Encontro Nacional de História da Mídia. Rio Grande do Sul: UFRGS. 2015. p. 1-12.
- OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **Canções da cidade amanhecendo: urbanização, memórias e silenciamento em Feira de Santana, 1920-1960**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.
- PAMPLONA, L. G. **BARREIRAS, Bê-A,...da BARRA pra cá!** 1 ed. (Sem Editora). 2002.
- SANTOS FILHO, Milton. **O processo de urbanização do oeste baiano**. Recife: Editora Sudene, 1989, p. 1- 281.